



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

Aqui está o volume 6, n. 1, 2020, de *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*. Ele contém 5 artigos de autores estrangeiros, sendo um alemão-inglês-australiano (Peter Mühlhäusler), um de residentes em Cingapura (George M. Jacobs & Fong Shong Jian), um da Rússia (Alexander Kravchenko) e dois de ecolinguistas bolivianos (Marina Arratia Jiménez e Vicente Limachi Pérez). A revista está se internacionalizando a cada número.

O artigo “Quo vadis ecolinguistics?”, de Peter Mühlhäusler, foi proposto para ser apresentado no 4th International Conference on Ecolinguistics (ICE-4), Universidade do Sul da Dinamarca (SDU), em 2019. O autor não pôde comparecer, mas o texto foi divulgado no folheto *The Aalpiri Papers: two critical reflections on contemporary ecolinguistics*, que, além de um pequeno “Forword” de Sune Vork Steffensen, contém também o texto de Peter Finke “Linguistics at the end of the Baconian Age, or: Five essentials of ecolinguistics”, publicado em *ECO-REBEL* v. 5, n. 1, 2019. Como o de Finke, o texto de Mühlhäusler discute a validade da empreitada ecolinguística. É uma ideia sobre a qual todos aqueles que se intitulam ecolinguistas precisam refletir, inclusive pelo fato de o autor ser um dos primeiros ecolinguistas. Antes, ele já tivera uma profícua produção na crioulística. O texto termina com um apêndice, que é uma reprodução da entrevista que Mühlhäusler concedeu a *ECO-REBEL* v. 4, n. 1, 2018.

O artigo do ecolinguista russo Alexander Kravchenko “Revendo o projeto da linguística” assevera que os pressupostos da linguística tradicional (ortodoxa, em seus termos) são inaceitáveis porque se baseiam no dualismo cartesiano. Segundo o autor é preciso assumir uma postura holística (bio-sócio-cultural) sobre a língua e a cognição, como na autopoiese da Maturana e Varela.

Na linguística ecossistêmica normalmente se fala de interação pessoa-mundo e interação pessoa-pessoa. Neste último caso, trata-se de interação entre seres da mesma espécie,

ECO-REBEL

relação intraespécie, ou seja, humana. O texto de George M. Jacobs & Fong Shong Jian, "Perspectives on a 2019 tiger-human interaction incident in Malaysia", fala de um caso de interação interespecie, mais especificamente, interação humano-tigre. É uma perspectiva que não pode ser ignorada por nenhuma teoria linguística que pretenda explicar o que vem a ser a interação comunicativa de uma perspectiva holística.

O artigo da ecolinguista boliviana Marina Arratia Jiménez, "Dinámicas territoriales y discursos sobre biodiversidad en una comunidad andina de Bolivia", discute o léxico relacionado ao cultivo da batata, no contexto cultural das línguas indígenas bolivianas, com ênfase no quéchua. Marina tem envidado esforços para introduzir a Ecolinguística em sua universidade na Bolívia. Ela acha que a Linguística Ecosistêmica é um bom ponto de partida para se estudar e apoiar as línguas indígenas, de que há muitas em seu país.

O também boliviano Vicente Limachi Pérez fala sobre "El translenguaje digital, estrategia discursiva ecológica de jóvenes bilingües quéchua-castellano en Facebook y WhatsApp". Como o título já deixa claro, o autor discute a questão da "translinguagem" que está sendo utilizada nesses contextos. Tanto Vicente Limachi quanto Marina Arratia são da Universidad Mayor de San Simón, de Cochabamba, Bolívia. A publicação desses autores é reflexo de uma colaboração que vem se estabelecendo entre o grupo em torno de ECO-REBEL e a Bolívia.

O artigo de Michelly Jacinto Lima Luiz & Elza Kioko N. N. do Couto, "As interações interespecíficas no filme *O pagador de promessas*", aplica os princípios da ecologia da interação comunicativa aos diálogos que se deram na obra *O pagador de promessas*, na sua versão filmada. Utilizando categorias da ADE, as autoras salientam o sofrimento que a não aceitação da diversidade religiosa pode eventualmente causar em alguém.

Por fim, temos o texto de Davi Borges de Albuquerque, "A ecologia da interação comunicativa: metodologia e análise". Ele toca em dois pontos importantes da linguística ecosistêmica: a própria interação e a questão da metodologia. O autor foi um dos primeiros a falar em metodologia no contexto dessa versão da ecolinguística.

Em seguida, temos uma resenha do livro de Daniel Everett, *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*, (2019). Apesar de o livro não ser nominalmente ecolinguístico, as teses básicas defendidas pelo autor vão nessa direção.

Temos também quatro minirresenhas de livros organizados pela ecolinguista polonesa Marta Bogusławska-Tafelska, com o simples objetivo de deixar registrada a existência das obras.

Finalmente, vem uma entrevista com os ecolinguistas dinamarqueses Jørgen Døør e Jørgen Christian Bang, da chamada Escola Ecolinguística de Odense, cidade em que se situa a universidade em que atuaram e onde residem. As respostas dadas pelos dois são bem relevantes para um melhor entendimento do que vem a ser a ecolinguística. O formato da entrevista e a apresentação dos dados fogem um pouco da praxe de ECO-

ECO-REBEL

REBEL. No entanto, devido à importância das ideias que expressam, isso é de somenos importância.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 6, n. 1, 2020.